

# RELATO DE EXPERIÊNCIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA DOCÊNCIA SURDA EM UMA CLASSE DE SURDOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Pedro Yuri Magalhães <sup>1</sup>  
Fernanda Trombetta <sup>2</sup>  
Amanda Coelho Alfaia <sup>3</sup>  
Fernanda Pereira Guimarães <sup>4</sup>

## RESUMO

A educação bilíngue de surdos prevê que o ensino deve ser em Libras, tendo como segunda língua o português na modalidade escrita. Ao adentrar em uma classe multisseriada de surdos do Ensino Fundamental para ensinar Ciências, nosso objetivo foi compreender quais os desafios e potencialidades envolvidos na docência surda. No método adotado foram realizados 6 encontros presenciais com o propósito de aplicar uma oficina temática. Com isso, refletimos, desde a perspectiva de um professor surdo em formação, que existem adversidades e oportunidades para o professor surdo dentro do ensino de surdos. A preocupação do professor surdo já começa desde a pesquisa para a elaboração da aula devido à escassez de materiais pensados para o ensino de surdos e sinais específicos para os termos utilizados em aula, baixa fluência dos alunos surdos em Libras e em português. O método que usamos para ministrar o conteúdo, a Pesquisa em Sala de Aula, pressupõe que os alunos, instigados pelo professor, façam questionamentos, porém houve uma certa inibição dos alunos surdos envolvidos em realizarem indagações, reforçando a necessidade de usar metodologias onde os alunos surdos saiam do papel de meros expectadores, copiadores de palavras e se sintam seguros e autônomos para buscar conhecimento. Concluímos então que a educação de surdos é tão desafiadora quanto repleta de possibilidades de pesquisa e criação, já que com o desenvolver do nosso trabalho na escola, pudemos visualizar a concretização do aprendizado e a evolução dos alunos foi possível mesmo com um caminho repleto de percalços. Precisamos voltar nosso olhar para o docente surdo, que lida com processos de planejamento diferenciados antes, durante e depois da sala de aula como: traduzir o material didático do português escrito para Libras simples, traduzir a expressão do raciocínio do aluno surdo para português escrito para fins de registro no caderno. Estes impasses resultam em necessidade de mais tempo para planejamento das aulas, criação e adaptação de recursos didáticos visuais. Qual a formação do professor surdo para isso? Quanto tempo despense para tal? Como registrar atividades e avaliações expressas de forma sinalizada? Essas são algumas das questões que devemos nos atentar. Contudo, esta é uma responsabilidade que não está só nas mãos do professor. Cabe ao poder público estimular a pesquisa, criação de materiais didáticos bilíngues voltados para a educação de surdos, glossários, além da contínua formação de professores para lidar com alunos surdos e suas especificidades.

**Palavras-chave:** Educação bilíngue de surdos, Material didático bilíngue, Aquisição da Libras como L1, Aquisição do português como L2, Registro da Libras.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ensino de Ciências Exatas - Universidade Federal do Rio Grande campus Santo Antônio da Patrulha (FURG/SAP), pedroym2022@gmail.com;

<sup>2</sup> Doutora em Química (UFRGS). Professora Adjunta na Universidade Federal do Rio Grande campus Santo Antônio da Patrulha (FURG/SAP), fernandatrombetta@furg.br;

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação (UFRGS). Tradutora Intérprete de Libras na Universidade Federal do Rio Grande campus Santo Antônio da Patrulha (FURG/SAP), amanda\_alfaia@hotmail.com;

<sup>4</sup> Mestra em Ensino de Ciências Exatas - Universidade Federal do Rio Grande campus Santo Antônio da Patrulha (FURG/SAP). Professora na Escola Especial Integração, fepereiraguimaraes@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre o ensino de surdos e o papel do professor surdo com relação ao ensino, podemos pensar, num primeiro momento, que a relação de surdo para surdo, já seria o bastante para obtenção de resultados positivos na aprendizagem de alunos surdos, já que a barreira linguística é consideravelmente minimizada ou inexistente.

Esta suposição é corroborada por Lopes e Veiga-Neto (2010) quando afirmam que o estudante surdo que está inserido em um contexto escolar que tem a Libras como língua de mediação direta com o professor e seus colegas consegue se comunicar, ativar a imaginação, criação, memória e vai se constituindo como surdo.

Porém, em nossa experiência com surdos em uma escola pública do litoral norte gaúcho, percebemos dificuldades não antes dimensionadas que desafiam o professor surdo a repensar as práticas da docência surda, redimensionar o planejamento das aulas e a sua busca por formação e aperfeiçoamento docente.

Este relato de experiência versa sobre as práticas de um estudante surdo, licenciando em Ciências Exatas – Química, em uma classe multisseriada de surdos do Ensino Fundamental de uma escola estadual no município de Osório/RS.

Um dos fatores que motivaram esta pesquisa foi o fato de o professor surdo sentir na pele os déficits de aprendizagem em toda sua trajetória escolar, bem como a invisibilidade dos alunos surdos e sua falta de protagonismo na educação básica.

Por isso, quando decidimos desenvolver uma Oficina Temática para ministrar a disciplina de Ciências junto aos estudantes surdos, adotamos como referencial teórico os trabalhos de Guimarães (2023) e Lovato (2021) no intuito de tecer uma interlocução entre ensino de Ciências para surdos através de desenvolvimento de materiais didáticos acessíveis com a abordagem de ensino da Pesquisa em Sala de Aula.

No que diz respeito ao ensino de Ciências para surdos, ainda são poucas as pesquisas encontradas (OLIVEIRA, MELO e BENITE, 2012). Da mesma forma, Guimarães (2023) afirma que os livros e materiais didáticos da área de Ciências que são disponibilizados não são satisfazem as necessidades específicas dos estudantes surdos.

O ensino para estudantes surdos enfrenta mais dificuldades devido as perdas na aprendizagem em sala de aula relacionadas às disciplinas. São anos de estudo prejudicados devido a falta de docentes, metodologias, materiais didáticos para

estudantes surdos e, principalmente, linguagem e comunicação no ensino de Ciências para a construção do conhecimento. Segundo Guedes e Chacon (2020):

A carência de sinais específicos e materiais didáticos, entre outros fatores, são os grandes responsáveis pelas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem dessa Ciência para o discente surdo. (GUEDES e CHACON, 2020, p.225).

Assim, a educação bilíngue de surdos (BRASIL, 2021), que alterou a Lei de Diretrizes e Bases de 1996, vem como política pública que reconhece e reafirma a identidade surda, valoriza e fortalece a língua de sinais, incentiva a elaboração de currículos, métodos, materiais bilíngues e incentivar programas de formação.

Uma das questões de maior atenção no planejamento didático do professor que atua com alunos surdos em uma perspectiva bilíngue é o favorecimento de práticas que aliem a construção da linguagem por essas crianças, de saberes de sua comunidade cultural e da apropriação de saberes científicos no acesso ao currículo escolar. (CUNHA, MIGUEL e GARRUTTI, 2022, p.13)

Em nossa busca por metodologias que driblassem o desinteresse dos alunos, encontramos na Pesquisa em Sala de Aula a possibilidade de fazer do planejamento de aula uma superação das dificuldades de aprendizagem dos surdos devido a anos de defasagem escolar.

Concordamos com a reflexão de Dorziat (2009) quando afirma que pressupor que só o uso da língua de sinais em sala de aula já garante as condições de aprendizagem dos alunos surdos é uma falsa ilusão. Outros elementos surgem como barreiras a serem vencidas para que o professor surdo tenha condições de levar um ensino pensando em propostas educacionais bilíngues e biculturais que favoreçam os estudantes surdos com suas peculiaridades, valorizando a língua de sinais assim como a cultura e identidade surda, tal como ressalta Saldanha (2011).

Desta forma, quando aplicamos a Oficina Temática, nosso olhar estava preocupado com os estudantes surdos, focado em pensar em metodologias que promovessem uma maior autonomia e engajamento dos alunos surdos, de modo que se se sentissem encorajados a serem protagonistas na busca por conhecimento, mas em um momento inicial nosso olhar não estava voltado ao professor surdo e quais seriam os obstáculos a serem superados na docência.

Sendo assim, nossa perspectiva foca em compreender quais são os desafios a serem enfrentados na docência surda em uma classe multisseriada de surdos do Ensino Fundamental.

## METODOLOGIA

Esta pesquisa foi conduzida por um estudante surdo da Universidade Federal do Rio Grande, *campus* Santo Antônio da Patrulha, no segundo semestre de 2023, presencialmente, em uma Escola Pública Estadual do município de Osório, região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, como atividade de seu trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Ciências Exatas - Química.

A turma era exclusiva de surdos, multisseriada, abrangendo oitavo e novo ano do Ensino Fundamental, composta por três estudantes surdos não oralizados, sinalizantes de Libras.

Neste trabalho temos dois professores surdos: o então licenciando, doravante professor surdo, e o professor regente, também surdo, responsável pela disciplina de Ciências na escola onde a pesquisa foi aplicada, que chamaremos de professor regente.

O trabalho que desenvolvemos com os alunos surdos para ministrar o conteúdo de Ciências foi em formato de Oficina Temática, abordando sobre Energias Alternativas que, além de ser um tópico previsto na Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Fundamental, é um assunto pertinente com o cotidiano dos estudantes surdos visto que, tanto na região de Osório, quanto em outras regiões do litoral gaúcho, há vários parques de geração de energia eólica que já fazem parte da paisagem local.

Para Marcondes (2008, p.68) *“as oficinas são temáticas, na perspectiva de tratar de uma dada situação problema que, mesmo tendo um dado foco, é multifacetada e sujeita a diferentes interpretações”*.

As estratégias metodológicas utilizadas foram baseadas na Pesquisa em Sala de Aula, com o objetivo de proporcionar aos estudantes surdos a vivência de uma metodologia de ensino que os deixassem em destaque, sendo eles os verdadeiros protagonistas da construção do seu conhecimento.

Desta forma, vinculamos a Oficina Temática com a Pesquisa em Sala de Aula, que tem as seguintes fases: Questionamento, Construção de Argumentos e Comunicação (GALIAZZI, 2003; MORAES, 2002; RAMOS, 2002).

Ao total, a Oficina Temática sobre Energias Alternativas foi realizada em 6 encontros de 50 minutos cada. Esses encontros compreenderam momentos de diálogo, teoria, prática, visita técnica, experimentação e comunicação.

Na preparação para cada um desses encontros foi preciso fazer tradução à vista do português escrito para Libras, de cada material base, para levar uma explanação sinalizada do conteúdo. Da mesma forma, foi necessário traduzir cada resposta sinalizada dos alunos surdos às atividades, a fim de que eles pudessem ter algum acesso à sua própria construção de raciocínio em língua portuguesa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Já na fase do planejamento, pesquisando e preparando a oficina temática, devido a escassez de materiais visuais ou em Libras e até mesmo a falta de sinais-termo específicos para o conteúdo, percebemos que é necessário dedicar mais tempo com o planejamento pois para cada material interessante encontrado é necessário uma adaptação e/ou tradução pois, como mencionamos anteriormente, ainda são raros os materiais concebidos para alunos surdos.

Elaborar e aplicar a oficina temática na escola necessariamente passou pelo caminho da criação de estratégias dada a realidade dos estudantes surdos, como por exemplo, privilegiar mais o uso de recurso visuais do que conteúdos escritos em português, privilegiar a expressão oral em sinais do raciocínio dos alunos surdos quando respondiam às perguntas.

Sabemos que o estímulo à produção escrita e leitura do português é essencial na educação bilíngue de surdos e os alunos precisam de registros escritos para poderem consultar o material, fazer revisões, relembrar do conteúdo. Isso necessariamente perpassa por uma tradução da Libras oral para o Português escrito, que demanda mais tempo do professor surdo.

Claro, fornecer materiais escritos em português não pode ser uma mera prática vazia de referências com a realidade que os cerca e sem estabelecer relação com a língua de sinais, já que *“o aluno surdo não estará necessariamente alfabetizado se apenas copiar do quadro ou dos colegas e não associar o que escreve com o seu significado. A cópia e reprodução de palavras ou textos não garantem o conhecimento (STREIECHEN E KRAUSE-LEMKE, 2014, p. 983)”*.

A baixa fluência dos alunos surdos tanto em Libras como em português também é um desafio a ser considerado. Não basta encontrar sinais-termo para um conceito ou explicar diretamente em Libras, é necessário utilizar linguagem simples em Libras e sempre mostrar imagens e vídeos para auxiliar na compreensão, assim como

escrever, nomeando cada coisa mostrada, para auxiliar na aquisição do português escrito como L2.

Mesmo com tantos entraves encontrados e não antes mensurados, a Pesquisa em Sala de Aula se mostrou um método possível de ser utilizado com alunos surdos do Ensino Fundamental e pudemos visualizar de forma concreta a evolução do aprendizado dos alunos quando elaboramos uma maquete para sintetizar o conteúdo ministrado.

Ficou evidente que é insustentável trabalhar apenas com imagens e vídeos para ministrar o conteúdo. Como forma de estimular a leitura, optamos por sempre entregar um material base escrito e ilustrado impresso para os alunos colarem no caderno e evitar gastar muito tempo escrevendo no quadro e eles copiando, assim conseguimos aproveitar a maior parte do tempo para explicação e debate sinalizado em Libras.

Assumimos que é papel do professor bilíngue de qualquer disciplina encorajar que os alunos surdos pratiquem a leitura e escrita da língua portuguesa, favorecendo o processo de aprendizagem, por isso concordamos com os autores Cunha, Miguel e Garrutti (2022, p.4) quando afirmam que *“ao professor bilíngue, cabe a responsabilidade pelo ensino da Libras, da escrita da Língua Portuguesa e de todas as disciplinas do currículo escolar”*, mas para que isso aconteça é necessário formação continuada (CALIXTO, RIBEIRO e RIBEIRO, 2019).

Sabemos que os alunos surdos vivem entre duas culturas, com uma língua sinalizada e outra escrita, portanto é importante que os alunos surdos tenham registros do conteúdo em português escrito como forma de interagir e compreender melhor o mundo em que estão inseridos:

É preciso reconhecer que o surdo é considerado um sujeito bicultural, pelo fato de vivenciar situações linguísticas e práticas cotidianas desencadeadas pelas duas línguas, LS e LP. Ele não está inserido em um mundo apenas de surdos. O seu acesso a todos os meios de interação, como a convivência social, placas de trânsito, tecnologia, manuais de instruções e outros implicam que ele interaja com o mundo que o cerca. Nesse sentido, entende-se que o surdo precisa ter competência em ambas as línguas, Libras e LP, tanto no âmbito acadêmico quanto social, ainda que com a LP seja apenas na modalidade escrita (STREIECHEN e KRAUSE-LEMKE, 2014, p. 982).

Streiechen e Krause-Lemke (2014, p. 982) afirmam que todos professores que trabalham na educação de surdos precisam *“ter noções mínimas de como agir frente a esse aluno especial, conhecer suas especificidades, sua cultura e reconhecer seu direito constitucional de aprender os conteúdos escolares”* e concordamos com esta afirmação, mas em qual momento os professores, que são sobrecarregados de

trabalho, conseguirão dedicar tanto tempo para pesquisa, para planejar aulas com materiais acessíveis, desenvolver estes materiais, fazer registro e tradução de Libras para Português, se capacitar ao aperfeiçoamento de suas práticas?

Ao adaptar estratégias de ensino, como o uso de recursos visuais, os educadores podem facilitar que o ensino seja acessível aos estudantes surdos, tornando o processo de aprendizagem mais inclusivo. Além disso, ao envolver os estudantes surdos em pesquisas que consideram sua cultura, experiências e identidade, é possível promover uma maior valorização da diversidade e da pluralidade de perspectivas em sala de aula, criando um ambiente enriquecedor para todos os alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este relato de experiência é sobre a vivência de um professor surdo em formação que realizou uma Oficina Temática sobre Energias Alternativas para estudantes surdos do Ensino Fundamental. É importante destacar a necessidade de mais trabalhos na perspectiva da educação bilíngue de surdos, tanto do ponto de vista de professores surdos nas Ciências, quanto de outras áreas específicas de formação.

Reconhecemos que trabalhar com apenas uma turma de surdos com um número pequeno de alunos, ao lado de um professor regente surdo mais experiente e a grande quantidade de tempo dedicada para planejamento, pesquisa, elaboração e adaptação de materiais foram fatores que contribuíram para o sucesso da experiência de aprendizagem dos estudantes, entretanto, esta não é a realidade dos professores nas escolas.

A educação bilíngue de surdos reduz a barreira comunicacional pois traz a Libras como língua de instrução e aquisição de conhecimentos, confrontando um modelo de ensino vigente que não considera esta especificidade. Quando trabalhamos em uma perspectiva professor surdo – estudante surdo, aliada ao uso de uma metodologia dinâmica, a aula se torna mais atrativa, permitindo que os alunos surdos explorem o mundo de maneira mais independente, busquem informações em diferentes fontes e desenvolvam suas habilidades de análise crítica.

Acreditamos que métodos de ensino de surdos devem ser investigados pela academia, assim como a criação de materiais didáticos bilíngues deve focar nos professores como público-alvo a fim de facilitar seu cotidiano em sala de aula, o que acaba por facilitar a aprendizagem dos alunos surdos. Se faz necessário pensar e

praticar o ensino através de abordagens e atitudes acessíveis, acolhendo as diferenças humanas, para que as possibilidades da aprendizagem, tanto das Ciências, quanto das demais áreas do conhecimento, construam saberes e práticas inclusivas que democratizem o conhecimento de forma a atender as necessidades educativas nas suas diversas particularidades, formando cidadãos, educadores e educandos, ampliando o crescimento e aprendizagem de todos os sujeitos envolvidos.

Para alcançar este objetivo, a participação do Estado na formação e na capacitação de professores se faz extremamente necessária para alcançar a educação bilíngue de surdos almejada.

## AGRADECIMENTOS

À toda comunidade da Escola Prudente de Moraes, Osório (RS), em especial ao professor surdo Isaías Braga e aos alunos surdos pelos ricos momentos de partilha, afeto e aprendizado.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 14.191 de agosto de 2021**. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, 2021. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2021/lei/114191.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/114191.htm). Acesso em: 25 set. 2024.

CALIXTO, Hector Renan da Silveira, RIBEIRO, Amelia Escotto do Amaral; RIBEIRO, Alexandre do Amaral. Ensino de língua portuguesa escrita na educação bilíngue de surdos: questões a partir de narrativas de professores da Baixada Fluminense. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 100, n. 256, p. 578–593, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/DdnJztZVSTYbwWbQZnbvYwH/?lang=pt&format=pd> f. Acesso em: 20 set. 2024.

CUNHA, Letícia Muniz Magalhães da; MIGUEL, Rafael de Arruda Bueno José; LOURENÇO, Erica Ap. Garrutti de. Educação Bilíngue para alunos surdos:: notas sobre a construção da linguagem argumentativa no aprendizado de Ciências. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 38, n. 1, 2022. DOI: 10.1590/1678-460x202257175. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/57175>. Acesso em: 20 set. 2024.

DORZIAT, Ana. **O outro da educação**. Pensando a surdez com base nos temas Identidade/Diferença, Currículo e Inclusão. Petrópolis: Vozes, 2009.

GALIAZZI, Maria do Carmo. **Educar pela pesquisa**: ambiente de formação de professores de ciências. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

GUEDES, Caroline Teixeira; CHACON, Eluzir Pedrazzi. Ensino de química para surdos: uma revisão bibliográfica. **Ensino, Saude e Ambiente**, v. 13, n. 1, 25 maio 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/view/28414>. Acesso em: 25 set. 2024.

GUIMARÃES, Fernanda Pereira. **Estudo e desenvolvimento de um material didático acessível para o ensino de ciências para estudantes surdos**. 2023, 77 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas) – Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Santo Antônio da Patrulha, 2023.

LOVATO, Tamires. **Formação continuada de professores: os bastidores da Pesquisa em Sala de Aula**, 2021a, 31f. Produto Educacional (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas) – Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Santo Antônio da Patrulha, 2021.

MARCONDES, Maria Eunice Ribeiro. Proposições metodológicas para o ensino de Química: oficinas temáticas para a aprendizagem da ciência e o desenvolvimento da cidadania. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, v. 7, n. 1, 2008. DOI: 10.14393/REE-v7n12008-20391. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20391>. Acesso em: 25 set. 2024.

MORAES, Roque. Educar pela pesquisa: exercício de aprender a aprender. In: MORAES, Roque; LIMA, Valderéz M. do R. **Pesquisa em sala de aula**: tendências para a educação em novos tempos. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 127 – 142.

OLIVEIRA, Walquíria D.; MELO, Ariane Carla de; BENITE, Anna M. Canavarro. Ensino de ciências para deficientes auditivos: um estudo sobre a produção de narrativas em classes regulares inclusivas. **Revista Electrónica de Investigación en Educación en Ciencias**, 7, 1-9, 2012. Disponível em: <https://reiec.unicen.edu.ar/reiec/article/view/113>. Acesso em: 25 set. 2024.

RAMOS, Maurivan Güntzel. Educar pela pesquisa é educar para a argumentação. In: MORAES, Roque; LIMA, Valderéz Marina do Rosário. **Pesquisa em sala de aula**: tendências para a educação em novos tempos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 25-49.

SALDANHA, Joana Correia. **O ensino de química em língua brasileira de sinais**, 2011. 160 f. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências na Educação Básica) - Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias, 2011.

STREIECHEN, Eliziane Manosso; KRAUSE-LEMKE, Cibele. Análise da produção escrita de surdos alfabetizados com proposta bilíngue: implicações para a prática pedagógica. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 14, n. 4, p. 957–986, out. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/qmLbFqKMTNf6DJ9rPG3jHXk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 25 set 2024.

VIEIRA-MACHADO, Lucienne Matos da Costa; LOPES, Maura Corcini. A Constituição de uma Educação Bilíngue e a Formação dos Professores de Surdos. **Educação & Realidade**, v. 41, n. 3, p. 639–659, jul. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/vWtNJcm73rhyy3Q8Mj9Gb4R/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 25 set. 2024.